

Arqueologia de Unidades de Defesa

Marcos Antonio Gomes de Mattos de Albuquerque*

Este artigo pretende comentar os principais aspectos da prática da Arqueologia Histórica voltada ao estudo de fortificações coloniais. Para tal, é necessária a especialização técnico-científica do profissional para que efetivamente a Arqueologia possa propiciar um conhecimento a ser adicionado ao histórico, porém com um objeto de estudo próprio, com uma metodologia própria e adequada a cada unidade a ser escavada e, sobretudo, com problemas, do ponto de vista epistemológico, eminentemente arqueológicos.

Palavras-chave: Arqueologia Histórica; Fortificações Coloniais; Linhas de defesa coloniais”

The objective of this article is to study the main aspects of Historic Archeology turned to the study of colonial fortifications. To do so, the technical scientific specialization of the professional is needed so that Archeology may effectively provide knowledge to be added to History, but with an objective in its own, with its own methodology suitable to each unit to be excavated and, especially with eminently archeological problems from the epistemological point of view.

Keywords: Historic Archeology; Colonial Fortifications ; Colonial defense lines

A história da ciência demonstra claramente que esta modalidade de conhecimento constitui-se em um dos mais novos desenvolvidos pelo gênero humano. Em uma seqüência cronológica aproximada, o homem desenvolveu o conhecimento popular, o religioso, o filosófico e por fim, pelo menos até o momento, o científico.

Esta modalidade de conhecimento, o científico, não conheceu em seus primórdios, uma fronteira rígida entre os saberes, daí a existência do “sábio”. Era um tipo de conhecimento acumulado, submetido a hipóteses, experimentações e afirmações que se imiscuíam. Afinal, na realidade, as fronteiras entre os diferentes conhecimentos possuem mais um caráter didático do que formal. Entretanto, a complexidade decor-

* Doutor da Universidade Federal de Pernambuco - marcos@mgmarqueologia.pro.br

rente do conhecimento científico acumulado, sobretudo nos últimos séculos, funcionou como um catalisador do processo que tornou mais rígida a delimitação de fronteiras entre os diferentes segmentos do conhecimento científico.

Já de várias décadas, alguns epistemólogos defendiam uma nova aproximação entre os diferentes saberes. Aproximação inevitável dado a complexidade do conhecimento científico da atualidade. Entretanto, embora seja muito sutil, deve-se entender a necessidade de uma aproximação distanciada e de uma distância aproximada entre todos os saberes. Pode parecer um paradoxo esta afirmação, entretanto não o é. O conhecimento científico da atualidade não pode mais se manter desprovido de uma perspectiva holística, embora especializada. Nada se encontra desconectado de um todo, e por outro lado, o todo não pode ser explicado como tal, a não ser mediante a sua decomposição em partes. É exatamente neste momento crucial para a ciência da atualidade que esta multidirecionalidade não pode ser desconsiderada.

Com o objetivo de tornar estas observações mais palatáveis, procurarei traçar um paralelo, a guisa de exemplo, entre duas áreas de conhecimento específicas e aparentemente distantes, a médica e a arqueológica.

O curandeiro deu início a medicina. Todos os males eram atribuídos a forças extraterrenas e os processos eram similares para todas as enfermidades. Com o passar dos tempos foi agregado às práticas xamanicas algumas ervas que deram origem aos medicamentos que são produzidos no mundo atual. A partir de um certo momento começou a haver uma separação entre alguns procedimentos ritualísticos. A religiosidade transformou-se em religião, enquanto outros direcionaram-se para o que seria a medicina. Esta, praticada de forma muito empírica na sua gênese. Com o passar do tempo a medicina foi se especializando até chegar a alguns extremos praticados na atualidade. Normalmente estes extremos decorrem da ausência de uma postura holística que poderiam ser exemplificados em inúmeros e infindáveis exemplos. Sabe-se, por exemplo, que a ingestão do cloreto de sódio, aumenta a pressão arterial. Porém sabe-se também que a transmissibilidade de impulsos elétricos necessita de sais para a sua condutibilidade. Caso o cardiologista, que já é uma especialidade da medicina, atenda um hipertenso, poderá aconselhá-lo a abolir ou reduzir o consumo de sal. A pressão arterial baixará, e ele acredita que conseguiu um grande resultado, entretanto, provavelmente o paciente dentro em breve estará procurando um outro especialista, o neurologista, por deficiência

de reflexos motores. Isoladamente ambas as especialidades estão certas em objetivos específicos, entretanto, a falta de uma visão holística desencadeará uma reação em cadeia praticamente incontrolável.

A superespecialização é extremamente importante e desejável no mundo moderno, deste que não seja perdida a visão do todo, e que se tenha sempre presente as inter-relações entre este e suas partes.

Não deixa de ser positivo para o homem moderno que haja alguém especialista em retina ou em cristalino, deste que o cristalino não seja pensado como um sistema fechado, isolado de um conjunto de variáveis que vão desde a genética ao meio físico no que se encontra inserido o paciente.

Finalizando este exemplo, acreditamos importante e necessária a especialização, desde que não seja desvinculada de uma visão mais ampla do todo em suas minudentes inter-relações.

Transportando este exemplo para a arqueologia, poderemos observar algumas coincidências e muitas divergências. Inicialmente a arqueologia como prática científica é muito jovem, se comparada com o curandeirismo. Teve início tardio, em relação a humanidade e somente muito recentemente afirmou-se como ciência. O seu início revestiu-se de curiosidades e de ausência de um balizamento epistemológico. Caracterizava-se mais como um hobby. Com o advento de um proceder científico na prática arqueológica, proliferou o generalista. Em momento subsequente, houve, de forma espontânea, uma especialização em grandes áreas como arqueologia clássica, arqueologia bíblica, paleoantropologia, arqueologia pré-histórica e muito recentemente arqueologia histórica. Para o leigo, entretanto, todas estas modalidades são iguais, e todos os arqueólogos são arqueólogos, e conseqüentemente devem saber tudo sobre as curiosidades do passado e atender as suas dúvidas, sobretudo em dias de festa.

Ocorre que o proceder arqueológico difere significativamente do de outras áreas do conhecimento científico. Nós “destruímos” o contexto arqueológico na busca de entender o contexto sistêmico do grupo estudado. Conseqüentemente se não realizarmos um trabalho de forma verdadeiramente holístico, se não buscarmos todas as relações e inter-relações entre as peças, a estratigrafia, etc., geraremos um “documento primário”, o nosso relatório, sem praticamente condições de outro profissional vir a reestudar o sítio.

Mesmo que não seja estudada a totalidade do sítio, como alguns autores preconizam, sempre a porção estudada não reflete mais o contexto original que foi transformado em documento escrito. Esta é uma razão, talvez a primordial, para que o trabalho de pesquisa arqueológica exija uma prática epistemologicamente balizada, procurando-se o maior inter-relacionamento entre todos os elementos possíveis, tanto os grosseiramente visíveis como os “invisíveis”, aqueles encontrados de forma indireta, frutos da interdisciplinaridade, que não deve ser confundida com a pluridisciplinaridade.

Em um corte mais profundo, em nossa análise, nos ateremos agora entre a prática da arqueologia pré-histórica e a arqueologia histórica. Em primeiro lugar devemos ressaltar que houve no início da arqueologia histórica uma forte tendência de projetar praticamente todo o procedimento utilizado na arqueologia pré-histórica na pesquisa arqueológica histórica. Em nosso modo de ver, foi um grande erro que propiciou interpretações comprometidas de muitos sítios estudados. Claro que existem princípios gerais comuns as duas especialidades, como também ocorre no exemplo com a medicina, acima citado. Entretanto temos que considerar que além dos princípios gerais existem realidades completamente distintas, e como tal devem ser tratadas. Retornando ao exemplo médico temos que considerar que princípios gerais devam ser utilizados em uma cirurgia de apêndice e de catarata, entretanto, a partir de um certo ponto muda completamente a estratégia operacional.

A formação estratigráfica de uma caverna não pode ser tratada da mesma forma que a estratigrafia de uma fortificação, de uma igreja, ou de uma cidade. Existe uma dinâmica própria inerente a cada situação, e que deve ser considerada pelo arqueólogo.

Sem nenhuma pretensão profética acreditamos que está muito perto do surgimento de uma maior especialização em arqueologia. Especialização que não significa a perda de uma perspectiva holística, interdisciplinar, porém que se adequa a cada situação, específica por natureza. Haverá o generalista, sobretudo os que se dedicam a arqueologia preventiva, que lamentavelmente ficou conhecida como arqueologia de contrato. Este especialista, continuando a analogia com a medicina, seria o clínico geral, indiscutivelmente indispensável.

Reduzindo ainda mais o nosso corte de raciocínio, nos deteremos na prática da arqueologia histórica e mais precisamente no estudo de fortificações.

O que seria, ou para que serviria a realização de uma escavação em uma fortificação? Ou ainda poderíamos formular esta pergunta de outra forma. O que esperaríamos encontrar e, sobretudo interpretar através de uma escavação arqueológica de uma unidade fortificada?

Que conhecimentos deveria o arqueólogo possuir para iniciar uma escavação em um forte? Nos parece, depois de vários fortes escavados, que a arqueologia militar deveria constituir-se em uma especialidade da arqueologia histórica. É completamente diferente os problemas com os quais o arqueólogo se depara na escavação de uma igreja, de um convento ou de uma fortificação, embora todos possam até integrar um sistema maior, e até contemporâneo.

Em um trabalho de pré-escavação acreditamos que devam ser levantadas informações, tanto históricas como iconográficas, da unidade a ser escavada. Nesta etapa parece-nos interessante observar:

1. Qual a expectativa histórica? O que, em função da documentação esperamos encontrar?

- a. Quem planejou a fortificação? A planta que se dispõe corresponde a planta da construção, ou não passa de um trabalho acadêmico de alguma escola de fortificação? O que é um fato comum.
- b. O que esta fortificação pretendia defender? A quais interesses ela deveria atender?
- c. Ao longo de sua existência operacional, ela de fato cumpriu a sua destinação? Mesmo que tenha sido de ação de presença?
- d. Quais as suas conexões com o mundo exterior? Como era suprida de viveres? E de munição? Qual o seu efetivo e a origem do mesmo?

2. Qual a expectativa arqueológica? O esperamos encontrar com relação aos elementos materiais da cultura, e o que eles podem ajudar a entender este forte?

- a. Qual o elemento construtivo? A matéria prima era local ou transportada de outras regiões, até como lastro de embarcações?
- b. Como a pólvora era acondicionada, sobretudo considerando suas propriedades higroscópicas?

- c. Havia fundição de projeteis no interior da fortificação? Ou havia dependência externa?
 - d. Qual o armamento utilizado pelos defensores do forte? Como este armamento se encontrava tecnicamente em relação ao do inimigo potencial?
 - e. Em caso de ataque ou cerco, o efetivo que guarnecia o forte tinha condições de resistir por quanto tempo?
 - f. Os elementos construtivos encontrados arqueologicamente correspondem a planta que permitiu a elaboração das expectativas históricas?
 - g. Que riscos a casa de pólvora corria considerando o tiro parabólico?
 - h. A tralha cerâmica que ocorre no interior do forte é de origem direta de seus primeiros defensores? Ou oriunda de saques?
3. Qual a expectativa estratigráfica?
- a. Como esperamos encontrar a estratigrafia? Quantas camadas formam a mesma superfície de ocupação?
 - b. Alguns segmentos do forte receberam material das proximidades? Como estes materiais interagiram com o terreno local?
 - c. Quais as soluções adotadas para o ajuste da planta original, normalmente elaboradas na Europa, as condições locais?

Existem problemas fundamentais na escavação de uma unidade funcional específica que demandam conhecimentos específicos e que normalmente exigem uma formação diferenciada do pesquisador. A falta destes conhecimentos específicos pode comprometer os resultados obtidos de forma irremediável.

Além dos princípios básicos inerentes a qualquer modalidade de arqueologia, em nenhuma hipótese podem ser negligenciados os específicos. Daí a necessidade de uma especialização do profissional para que efetivamente a arqueologia possa propiciar um conhecimento diferenciado do histórico, com um objeto de estudo próprio, com uma metodologia própria, e adequada a cada unidade a ser escavada e, sobretudo, com problemas, do ponto de vista epistemológico eminentemente arqueológico.

Para o caso específico de uma escavação de uma unidade de defesa, além do conhecimento histórico, julgamos oportuno conhecimentos paralelos em áreas como: armamento, balística, logística, estratégia, técnicas construtivas, ângulos e trajetória de tiro, propelentes, mecanismos de ignição, engenharia militar, enfim de um conjunto de informações inerente a este tipo de unidade funcional.

Temos a esperança que, dentro em breve a arqueologia histórica tenha especialistas nas diferentes unidades funcionais de modo a construirmos um conhecimento sólido acerca das sociedades pretéritas e contribuirmos para um melhor entendimento das sociedades atuais e do porvir.